

PROFESSORES! POR ONDE VOCÊS TÊM ANDADO?

Fábio da Purificação de Bastos
Simone Girardi Andrade

1. IMPORTÂNCIA, VALOR E RESPALDO SOCIAL

O professor que estiver lendo este texto concordará conosco que, a cada dia que passa, nossa profissão vai perdendo importância, valor e respaldo social. Os principais culpados? Nós sabemos quem são: aqueles que pagam nossos míseros salários! Seja Estado (municipal, estadual ou federal) ou empresa concessionária educacional (laica ou confessional), a desculpa é quase sempre a mesma: esta situação é antiga...você professores são muitos...a folha de pagamento já é alta...etc... Na realidade concreta, o salário e as condições de trabalho, demonstram nossa não importância, desvalorização e não respaldo social.

2. TRABALHO COLABORATIVO, INVESTIGAÇÃO-AÇÃO EDUCACIONAL E EDUCAÇÃO CONTINUADA

Diante do atual quadro no contexto neoliberal, temos de um lado o desespero e desesperança dos professores, e, de outro, os discursos pós-modernos e multiculturais. Diante disto apostamos num trabalho que nos una, gerando esperança de uma vida mais digna, justa e fraterna. Atuando de forma colaborativa com os alunos dos cursos de licenciatura (professores em formação inicial) e mestrado e doutorado (professores em formação continuada) temos reacendido, na prática, nossas esperanças e projetos de vida escolar-profissional.

É claro que isto não se viabiliza no escopo do discurso, da linguagem apenas. É preciso criar estratégias concretas para operacionalizar programas educacionais incluídos, por exemplo: erradicação do analfabetismo nos assentamentos de reforma agrária (PRONERA, 1998 e CUIA, 1998) e nas periferias das cidades (MOVA-RS, 1998), educação recorrente (ERUFMS, 1999), cursos emergenciais para professores em serviço, etc... Como estratégia concreta-principal utilizamos procedimentos de investigação-ação educacional emancipatória (CARR e KEMMIS, 1986), tornando a prática educativa dialógica e problematizadora (FREIRE, 1983), neste contexto hegemônico pelo livro-texto que produz silêncio, conteúdos escolares fragmentados e profissionais do ensino, ao invés de profissionais da educação (DE BASTOS, 1995).

A criação, consolidação e expansão de comunidades críticas de professores (KEMMIS, 1993) ao longo da última década, além de ser nosso principal e mais animador resultado de investigação-ação educacional, tem possibilitado mudanças nas nossas práticas educativas, em nossos currículos e nas instituições escolares onde atuamos como trabalhadores assalariados (ANGOTTI, 1997). Se, por um lado, isto tem garantido o trânsito entre diferentes instituições educacionais (universidades, escolas, secretarias de educação, etc...), por outro, potencializa

concretamente, a cidadania ativa no atual contexto da educação excludente/includente, campo de atuação dos movimentos sociais e governos populares e democráticos.

3. REDES, CONHECIMENTO E CIDADANIA ATIVA

Lembramos sempre onde estamos: num mundo pautado pela contradição real/virtual. Quem de nós não tem acompanhado o avanço da telecomunicação via *internet*, a chamada telemática. Diante disto, propor ações incendiárias nos microcomputadores *on line* seria tolice e falta de leitura da realidade. Precisamos é organizar nossos pares para atuarmos, segundo nossos interesses e necessidades, via novas tecnologias, por exemplo, através da *internet*. Dialogar virtualmente via *e-mail*, acessar *sites* de universidades, de bibliotecas, permite ampliar a luta cultural, por exemplo, contra a hegemonia do livro-texto e formatação dos conteúdos de ensino governamentais.

Nossas ações investigativas-ativas sinalizam para práticas educacionais dialógicas e problematizadoras de professores que interagem com seus pares via *internet*, tendo como objeto do diálogo conhecimentos científicos de natureza emancipatória. Tais ações no campo sócio-educativo reconfiguram e reformatam nossas concepções de cidadania ativa e ação participante, que até há bem pouco tempo estavam bastante circunscritas à nossa sala de aula e redondezas da área de conhecimento que lecionamos nas escolas (REDES, 1998).

4. VIÁVEIS-POSSÍVEIS NA CIDADANIA ATIVA

Assumir o diálogo no contexto educacional dos dias de hoje no Estado do Rio Grande do Sul, denota a clareza político-pedagógica dos professores. Porém, isto é insuficiente, dada a gravidade e urgência no redirecionamento dos rumos das nossas vidas de profissionais da educação. É urgente e imprescindível determinarmos o que podemos mudar hoje, para não lastimarmos nosso futuro amanhã. Por exemplo, qual deve ser a prioridade da futura universidade estadual do Rio Grande do Sul? A prioridade seria a formação de professores nos âmbitos da licenciatura, mestrado e doutorado em educação, em esquemas presenciais e semi-presenciais (a distância) intercalados ao longo do ano letivo? Que tipo de contrapartida, financeira e social, podemos oferecer ao governo atual do Estado do Rio Grande do Sul?

Descodificando o conceito freireano de “viável-possível” (FREIRE, 1983) utilizado aqui, é preciso dizer antes de sua explicitação, que exigem “atos-limite” (componente da rede teórica da concepção educacional dialógica presente em Pedagogia do Oprimido), que segundo minha compreensão significam tarefas que implicam superações das dificuldades tidas como intransponíveis. Um viável-possível hoje, para nós professores, pode ser assumir a luta contra a injustiça, a pobreza e a opressão cultural nas aulas cotidianamente.

Afinal, é viável e possível substituir os conteúdos culturais de nossas aulas por temáticas atuais e comprometidas com transformações? É viável e possível parar de apenas ler os textos, passando a reconstruí-los com nossos pares da

educação? É viável e possível ser cidadão ativo na sociedade atual? É viável e possível produzir hoje o que desejamos para nossos filhos?

5. SABER PARA ONDE IR

É claro que não acredito que os professores saibam o que fazem, quando produzem injustiças sócio-educacionais. Todos sabemos que as produzimos, por exemplo, nos processos de seleção e avaliação que participamos nas escolas. Ou será que não sabemos da existência de concorrência nos vestibulares, nos mestrados e doutorados em educação, reprovação nas séries iniciais do ensino fundamental e médio da educação básica, entre outros?

Contudo, a acusação só nos deixa mais passivos e oprimidos. Precisamos construir novos caminhos assumindo que nossos destinos são, em grande parte, determinados por nós mesmos. Valorizando nossos conhecimentos de nossas práticas, vivências, problemáticas, entre outros, podemos iniciar um processo educacional colaborativo e reflexivo-ativo (KEMMIS, 1999).

Na prática, isto esboçará os caminhos viáveis-possíveis. O que nos coloca como autores-intérpretes de nossas práticas educativas. Ou será que ficaremos sempre na dependência dos de fora para dizerem o que é melhor ou pior para nós? É preciso que alguém venha nos dizer o que é melhor ou pior para nós? Em outras palavras, citando PIRSIG (1988) “*o que é bom...e o que não é bom...será preciso pedir a alguém que nos ensine isso?*”

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, S. G. et.alii. **Pesquisa ou investigação? As ações que queremos!** [on line] Disponível via internet em <http://www.jornal-a-pagina.pt> 1999.
- ANDRADE, S. G. et. alii. **Formação de professores e comunidades de aprendizagem.** [on line] Disponível via internet em http://www.ufsm.br/linguagem_e_cidadania/02_99/FabioL%26CN2.htm 1999.
- ANGOTTI, J. A., DE BASTOS, F. da P. e SOUZA, C. A. **Uma Concepção de Investigação Educacional e a Formação de Comunidades Críticas como Alternativa de Educação Permanente.** In: Alcance, nº 1, 1997:39-48, Itajaí, SC.
- CARR, W e KEMMIS, S. **Becoming Critical: Education, knowledge and action research,** Brighton, UK: Falmer Press, 1986.
- CUIA - **Construindo a Unificação entre Investigação e Ação.** CE/UFSM, Santa Maria, RS, 1998.
- DE BASTOS, F. da P. **Pesquisa-ação emancipatória e prática educacional dialógica.** Tese de doutoramento, FEUSP/IFUSP, São Paulo, SP, 1995.
- ERUFSM - **Educação Recorrente da UFSM: adendo ao Projeto CUIA.** CE/UFSM, Santa Maria, RS, 1999.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- KEMMIS, S. **La Formación del Profesor y la Creación y Extensión de Comunidades Críticas de Profesores.** In: *Investigación en la Escuela*, nº 19, 1993:15-38, Sevilla, España.
- KEMMIS, S. **La investigación-acción y la política de la reflexión.** In: ANGULO

- RASCO, J.F. et.alii. (org.) ***Desarrollo profesional del docente: política, investigación y práctica***. Madrid: Editora Akal, 1999.
- MOVA-RS - **Movimento de Alfabetização de Adultos do Estado do Rio Grande do Sul**. SE/RS, Porto Alegre, RS, 1998.
- PIRSIG. R. M. **Zen e a arte da manutenção de motocicletas: uma investigação sobre valores**. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1988.
- PRONERA - **Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária**. INCRA/MPF, Brasília, DF, 1998.
- REDES - **Redes e Conhecimento Científico na Escola**. CE/UFSM/CNPq, Santa Maria, RS, Brasília, DF, 1998.

RESUMO

Baseado em resultados de investigação-ação educacional, oriundos de mais de uma década de trabalho colaborativo na escola, destacamos indicadores empíricos que sustentam e consolidam práticas educacionais e são, ainda, problematizadores do cotidiano escolar. Frente a isto são reformatadas algumas de nossas concepções, dentre as quais a de cidadania acoplada à prática investigativa-ativa escolar no atual contexto educacional brasileiro.